

O investimento de um dos tios, Ubatan, irmão de seu pai, na educação dos sobrinhos fez toda a diferença. Ele havia se formado em medicina na Universidade Federal do Ceará (UFC) e foi o primeiro da família a emigrar para a capital federal. Em 1977, a família toda do Galego, como o tio o chamava por causa dos cabelos loiros, chegou a Brasília. “Eu falava com ele (tio), agora no mês de abril, o quanto é importante você ir constituindo aquilo que o (Pierre) Bourdieu chama de capital cultural, capital cognitivo: você entender o que você constitui. Porque a partir da família que se preocupa e quando se tem uma escola num período integral, com todo o acompanhamento, você faz democracia”, diz o professor, citando o célebre sociólogo francês.

Em 1979, foi aprovado no concurso da Secretaria de Saúde, cargo que assumiu no ano seguinte. Na mesma época, provou que olhar a realidade em perspectiva e não se ater a rótulos traz recompensas: foi aprovado no vestibular da UnB para o curso de geologia. Apesar da conquista de passar numa federal depois de se mudar do interior do Ceará, não pôde se matricular, pois não havia aulas no período noturno e deixar o trabalho era uma impossibilidade. Optou, então, por cursar história no Uni-Ceub, o início da construção da carreira que seguiu até a aposentadoria, em janeiro deste ano.

A aprovação no concurso da então Fundação Educacional do Distrito Federal veio em 1986. “Era dia 20 de abril, um domingo. Saiu no **Correio Braziliense** a lista com os convocados”, recorda-se. Durante anos, ele acumulou as funções, na Saúde e na Educação, em plantões sucessivos. A partir de 1999, passou a se dedicar apenas à sala de aula.

Um salto filosófico

Com o tempo, o repertório do professor evoluiu e ele, hoje, consegue reconhecer os pais no personagem principal da obra do filósofo francês Jacques Rancière, *O mestre ignorante — Cinco lições para a emancipação intelectual*. O protagonista é um docente que convida os estudantes à reflexão sem sequer falar o mesmo

Fotos: Arquivo pessoal



O professor na formatura do curso de história



Com o filho Kauan e a mulher, Divina Maria



Kauan é o caçula e cursa física no IFB

idioma que eles, um método filosófico que vai além da pedagogia da explicação.

“Eu tenho certeza: hoje, todo mundo explica tudo e não explica nada. Porque o ensino não está voltado para a curiosidade”, atesta o professor, numa crítica contundente aos dispositivos móveis. “Eu fico abismado quando alguém quer substituir a figura do professor por uma suposta inteligência artificial”, reclama, no único momento em que o semblante calmo e a voz pacífica parecem mudar e dar lugar à indignação.

“Você tem uma massa de informação tecnológica, mas você não tem uma massa de sabedoria. Quando eu falo que o professor é importante, é porque ele constitui diálogo. Isso aqui vai te dar o vazio (aponta para o celular). Conexão não é interação. Interação é muito mais importante.”

Gerações impactadas

Gadelha testemunhou as várias mudanças do CEM 9, única escola em que trabalhou. Quando chegou, em 1986, a instituição havia acabado de ser transformada em Centro Educacional (CED) e recebia também alunos do ensino fundamental. Só em 1995 passou a ser Centro de Ensino Médio. Teve aluno cuja família inteira passou pela sala de aula do professor.

Em 2007, assumiu a direção da escola, cargo que ocupou quase ininterruptamente até o início deste ano. Pouco tempo depois, a escola começou a aprovar grupos maiores de alunos na Universidade de Brasília e em outras instituições públicas pelo país. Com o reforço escolar aos sábados, no âmbito de projetos de preparação para o Programa de Avaliação Seriada da UnB (PAS/UnB) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), alcançaram resultados notáveis e consistentes ao longo dos anos. O recorde de aprovações foi de 123 estudantes.

Alunos do CEM 9 já participaram também da final de uma conferência de matemática, meio ambiente e ciências na Índia, em 2012, e de olimpíadas de filosofia e de matemática pelo país. “Formamos um conjunto de profissionais, de pessoas, que

acreditamos terem contribuído para a sociedade brasileira e, por que não dizer, do Brasil, não sabe?”, orgulha-se Gadelha, com o sotaque cearense. “Para mim, isso é o que fica.”

Em nome da educação

Um dos desafios que Gadelha encara até hoje, junto a uma associação de diretores de escolas públicas, é a luta por uma educação pública de qualidade. Na avaliação dele, o Brasil sustenta ainda um modelo de escola improvisado, e Brasília, como capital, privilegiada, inclusive, em termos de recurso financeiro, precisa dar um exemplo melhor.

Gadelha defende que o investimento na educação seja centralizado — recursos financeiros, humano e pedagógico. “Hoje, percebo que há muita gente fazendo muita coisa, até louvável. O que não é louvável é muita gente dando pitaco na educação pública. Muita coisa se perde no meio desse caleidoscópio de boas intenções. Não bastam boas intenções, não basta falar. Precisa ser concreto”, critica o professor.

“Fazer, todo mundo diz que faz, mas encarar o dia a dia na escola pública é de uma complexidade enorme, porque a sociedade brasileira é muito desigual, e é dentro da escola onde todos os problemas sociais se concluem: a violência, a desagregação, o descaso com o jovem, com a criança”, diz ele, que é ainda um grande defensor da educação em tempo integral, com atividades esportivas, culturais e pedagógicas pensadas para os estudantes.

“Com leitura, com compreensão, com uma boa escola, com um professor, você atinge tudo. Nesse exato momento, está nascendo uma criança na Estrutural. Nesse exato momento, na área mais nobre de Brasília, está nascendo uma criança. Todo o nosso aparelho cognitivo, nossa percepção, nossa relação com o mundo é igual. O problema é a constituição do capital cultural”, conclui ele, que, ao lado da mulher, Divina Maria, cuida com zelo do capital cultural dos filhos Camilo, 34 anos, e Kauan, 21. O caçula é aluno do curso de física do Instituto Federal de Brasília (IFB).